



Encontro Inter-regiões - Nordeste

Região Nordeste - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00194
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Pernambuco
CAMPUS	Centro Acadêmico do Agreste
CIDADE	Caruaru
UF	PE
CATEGORIA	CA
MODALIDADE	CA09
TÍTULO	Bravo!: A interferência da arte drag nas relações pessoais do artista que performa o transformismo
ESTUDANTE-LÍDER	João Gabriel Lourenço da Silva Santos
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação Social
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Fabiana Moraes da Silva (UFPE)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A arte drag é uma arte secular, interpretada por diversos artistas ao longo do tempo e foi registrada em diferentes tipos de mídias - por exemplo, documentários. Meu documentário trata de registrar um pouco da vida de um artista drag no agreste pernambucano, especificamente na cidade de Caruaru. Acompanhei o ator David Lucas e sua drag Lady Joe durante dois meses, capturando suas saídas à noite, sua personalidade e a sua relação com a personagem. O termo "drag", segundo Amanajás, em seu texto "Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas" (Revista Belas Artes, ano, v. 6, 2014), foi criado por Shakespeare. Em sua época, era comum que garotas fossem proibidas de atuar e cabia, portanto, aos rapazes assumirem os papéis femininos. Ele marcava o rodapé da página com "dressed as a girl" (vestido como garota), para indicar personagens femininos interpretadas por homens. É importante ressaltar que a arte drag é diversa e possui várias subcategorias que derivam de duas categorias principais: drag queens e drag king. Segundo Dourado, em sua dissertação "Mulheres com H: estereótipos ambivalentes, representações tensionadas e identidades queer no programa de TV Papeiro da Cinderela" (UFPE, 2009), drag queens são "transformistas que não têm qualquer pretensão de parecer autênticas mulheres, mas, ao contrário, mimetizam as imagens de uma 'hiperfeminilidade' e denunciam seu caráter fabricado" (2009, p.29). A arte drag no mundo e no Brasil foi registrada pelas lentes de alguns documentários. Cito, por exemplo, Paris Is Burning, lançado em 1989, que conta a história do cenário LGBT na Nova Iorque daquela época. O filme apresenta um submundo que era, até então, ignorado, e narra a história de artistas e personas, além de mostrar o fantasioso mundo dos balls, desfiles em que as pessoas LGBTQs da época se fantasiavam e se exibiam entre si. No Brasil alguns documentários podem ser citados como exemplo. O documentário São Paulo em Hi-Fi (2016), dirigido por Lufe Steffen. O segundo deles é They Can Do It (2017), de Kelviane Lima, que acompanha um grupo de mulheres que interpretam drag queens na cidade de São Paulo. O terceiro exemplo que trago é o documentário Tupiniqueens (2015), de João Monteiro, que mostra a influência do reality show RuPaul's Drag Race aqui através da cena artística de São Paulo, trazendo inclusive depoimento de ex-participantes do programa e mostrando suas performances lotadas em festas. BRAVO é um documentário que acompanhou a vida de um artista drag queen, chamado David Lucas e sua persona drag Lady Joe, no Agreste pernambucano. O projeto é relevante por documentar um movimento artístico que acontece na região. Os documentários brasileiros que trouxe como exemplos mostram apenas a cena drag artística do sudeste do país, o que demonstra uma lacuna que precisa ser preenchida sobre o cenário pernambucano. Além disso, o projeto se concentrou nas relações interpessoais desse artista, mostrando como é sua realidade e como sua vida é afetada por escolher esse meio artístico para se expressar, um tema que não foi explorado com profundidade nos filmes citados acima. O documentário registrou os relacionamentos interpessoais do artista focando-se em sua vida familiar, amigos e relacionamentos. O objetivo geral foi produzir um documentário sobre tais relações. Já os específicos foram estudar a história drag do Brasil e do estado de Pernambuco, realizar entrevistas com artistas drags da região, escolher um (a) ou mais artistas artista e, por último, entender as relações interpessoais da (o) artista que performa como drag. Além das relações interpessoais, outros pontos foram discutidos no documentário, como, por exemplo, a drag afeta ao artista, o cenário político do país, entre outros.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Como o resultado final da pesquisa foi a produção de um documentário, optei pela etnografia. Para Michael Angrosino, em seu trabalho "Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa" (Artmed Editora, 2009) a etnografia "significa literalmente a descrição de um povo. [...] Assim sendo, é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades" (ANGROSINO, 2009, p. 27). O método etnográfico seria, então, o estudo de outro grupo/comunidade que o pesquisador não está devidamente inserindo, havendo, portanto, um choque cultural entre o pesquisador e o campo escolhido e pode ser tanto qualitativo quanto quantitativo. Prodanov e Freitas, em "Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico" (Editora Feevale, 2013), classificam a pesquisa a pesquisa qualitativa sugere "uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números" (PRODANOV, FREITAS, 2008, p. 70). Meu documentário é etnográfico e qualitativo, já que, por meio de observação e entrevistas, analisei o universo em que David está inserido. É preciso ressaltar que a pesquisa etnográfica não é realizada exclusivamente com um grupo ou coletivo, mas também individualmente através de pesquisa de estudo de caso. Além da etnografia, também estudei a história da arte drag dentro do país, usando como principal alicerce o livro de Silvério Trevisan intitulado "Devassos no Paraíso" (Editora Record, 2011) que detalha a história da comunidade LGBT no país, focando também na arte performática que aqui apresento. Segundo o autor, a arte drag no Brasil começou através do travestismo teatral. Algo costumeiro dentro da sociedade daquela época e de acordo com Trevisan "em 1886, a revista teatral de maior sucesso no Rio de Janeiro foi A mulher-homem!" (TREVISAN, 2011, p. 238). O objetivo da revista era divulgar as peças teatrais que estavam em cartaz na época e que possuíam atores travestidos em papéis femininos Também estudei o documentário como gênero fílmico. Segundo Nichols, em seu livro "Introdução ao Documentário" (Papirus Editora, 2005, p. 47), o documentário "representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares" ou seja, o documentário lança luz a alguma parte da sociedade (pessoas ou temas) que é marginalizada ou até mesmo conhecida com uma perspectiva diferente. Por escolher uma temática ou pessoa específica "os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção" (NICHOLS, 2005, p. 27).

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

David Lucas nasceu no dia 26 de outubro de 1999 (mesmo dia que eu, ano diferente) e foi entregue a uma realidade. Digo uma, porque no Brasil existem várias. Foi em um de seus aniversários que se montou pela primeira vez. Disse-me que só começou, de fato, a gostar da montagem na terceira vez, foi quando pegou o gosto pela coisa, pela catarse. O primeiro dia que o acompanhei foi um sábado quente de março, fomos primeiro para o ensaio de teatro e depois para sua casa. Já era noite quando entramos pela porta da sua casa e vi sua irmã mais velha e seu sobrinho. Ambos me cumprimentaram e fomos para o quarto de David. Depois disso, ele foi se montar. Estou esperando Lady Joe sentado no sofá de sua casa. A mulher da voz de nicotina, sua mãe, está deitada em outro sofá, fumando um cigarro. David implora pela ajuda da mãe para arrumar sua roupa, ela permanece deitada. Ela estava cansada e permaneceu deitada no sofá, com seu cigarro na mão. Enquanto isso, David tentava costurar balões vermelhos em um tecido, para amarrá-lo em sua cintura. Algumas semanas depois, estávamos esperando o último ônibus da linha para irmos até o Metal Beer, atrás do Pátio de Eventos. Aconteceu um imprevisto: o motorista nos furou. Decidimos andar até o bar, então. Quase 3km de distância. Minha apreensão era alta, mas era o único jeito de chegarmos até lá. Não tínhamos dinheiro pra um uber. Ao longo do caminho aconteceram várias coisas. Um carro passou com um homem gritando "É um boneco de Olinda, é?" que David respondeu com um sonoro "Tua mãe". Nós entramos em uma rua e tinham três pessoas conversando na calçada, elas correram para dentro quando nos viram. Um cara bêbado parou em nossa frente e ficou nos encarando até, finalmente, ir embora. "Se eu tivesse sozinho os carros estariam parando pra perguntar quanto é o programa", ele me disse enquanto andávamos. Uma semana depois de eu conhecer sua mãe, ao vê-lo para mais uma entrevista, ele parou para me agradecer. Eu fiquei confuso "Agradecer? Pelo quê?". Ele sorriu, "mainha tá sendo mais paciente com minha drag agora, é por causa desse documentário". Esse agradecimento ficou em minha cabeça durante todo o resto da gravação. Dei-me conta de que não estava apenas registrando o mundo dele, mas também o modificando com minha presença. No mesmo dia que o ônibus nos furou, ele comentou que sua mãe havia perguntado sobre mim, sobre minha sexualidade. Ela disse "tá vendo, David? Ele sabe se portar, não é tão escandaloso feito você, é educado, chega aqui, entra e sai". Eu imaginei sua voz de nicotina em meus ouvidos ao escutar ele me contar a história. Foi a mesma voz que me disse, no dia que pedi para entrevistá-la em frente a câmera, "é melhor não, não tenho nada bom pra dizer". Mesmo com toda aquela atitude, aquela mulher nunca deixou de ajudá-lo. Não o impedia de vestir roupas de mulheres e se maquiarem dentro de sua casa. Às vezes, pequenos atos de amor superam palavras ásperas. David Lucas não vive em uma realidade fácil. E sua atitude nunca foi aceitá-la, abaixar a cabeça e ficar quieto enquanto o mundo à volta dizia que sua existência não estava correta, que ele não podia pintar as unhas, que ele não podia ser afeminado, que ele não podia. Bravamente, David ergueu sua voz, sua cabeça, seu punho. Sobreviveu a pedradas oriundas de um grupo de moleques, sobreviveu a um grupo de homens armados dentro de um carro, sobreviveu a si mesmo. E continuou a se montar, continuou a ser quem é, não importasse o preço. É um comum ditado de que quando uma porta se fecha, uma janela se abre. Algumas portas para ele nunca se abriram, ficaram emperradas por conta de sua classe social, sua pele, sua sexualidade. Ele não esperou uma janela se abrir. David resolveu derrubar as portas aos chutes.